



Do Norte ao Sul Global: um panorama das Humanidades Digitais no Brasil

Virgínea Novack Santos da Rocha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3089-3298>

E-mail: novack.virginea@gmail.com

Vanessa Rodrigues Barcelos

University of Miami, Flórida, EUA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6810-0495>

E-mail: vrd28@miami.edu

RESUMO

Este artigo parte da revisão dos principais debates no campo das Humanidades Digitais em nível global, tais como os propostos por Schreibman, Siemens e Unsworth (2004), Burdick et al. (2012) e Drucker (2021). Posteriormente, focaliza-se nos esforços teóricos e práticos de iniciativas que, embora partam do Norte geográfico, assumem um posicionamento anti/pós/decoloniais, tal como fazem Risam (2018) e Aiyegbusi (2018), ao explorar outras formas de narrar a memória colonial a partir das Humanidades Digitais. Em seguida, propõe-se um panorama das Humanidades Digitais no Brasil, de modo a avaliar criticamente o seu desenvolvimento em comparação com os Estados Unidos. Por fim, propõe-se uma reflexão sobre possíveis estratégias de desenvolvimento das Humanidades Digitais no contexto brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidades Digitais; Sul Global; Decolonial; Estudos Pós-Coloniais; Brasil.

From the North to the Global South: an overview of Digital Humanities in Brazil

ABSTRACT

This article begins by reviewing the main debates in the Field of Digital Humanities at a global level, such as those proposed by Schreibman, Siemens, and Unsworth (2004), Burdick et al. (2012), and Drucker (2021). It then focuses on the theoretical and practical efforts of initiatives that, although originating from the Global North, take an anti/post/decolonial stance, as seen in the work of Risam (2018) and Aiyegbusi (2018), who explore alternative ways of narrating colonial memory through Digital Humanities. Next, it presents an overview of Digital Humanities in Brazil, critically assessing its development in comparison to the United States. Finally, the article proposes a reflection on possible strategies for the development of Digital Humanities within the Brazilian context.

KEYWORDS: Digital Humanities; Global South; Decolonial; Postcolonial; Brazil.



1. Introdução

Ao elaborar um panorama dos principais debates que levaram ao desenvolvimento das Humanidades Digitais, percebe-se que o campo parte sobretudo da Europa e, em especial, dos Estados Unidos. Assim, a presente reflexão busca compreender, em um primeiro momento, de que modo os debates relativos ao uso das teorias, técnicas e práticas de pesquisa em Humanidades Digitais vêm sendo pensadas e aplicadas numa perspectiva pós/decolonial, ou seja, privilegiando um olhar a partir do Sul Global, ainda que produzidos no Norte.

Em um segundo momento, considerando tais discussões, busca-se mapear o desenvolvimento das Humanidades Digitais no Brasil, de modo a compará-lo ao contexto norte-americano. Isso, porém, não significa abster-se de um olhar crítico à colonialidade do poder e da organização geopolítica do mundo; em vez disso, percebe-se como a área pode desenvolver-se de forma eficiente a partir de debates internacionais, aprendendo especialmente com os seus erros e acertos. No entanto, é importante deixar evidente que este panorama não se pretende completo, visto que se baseia na criação de grupos de pesquisa com “Humanidades Digitais” no título, ou seja, muitos projetos e iniciativas podem estar sendo deixados de fora.

Portanto, após a elaboração de um panorama dos grupos de pesquisa e algumas iniciativas autônomas, mas de grande relevância, das Humanidades Digitais no Brasil, aponta-se para um futuro desenvolvimento do campo. Esta discussão leva em consideração os desafios enfrentados por pesquisadores locais, sem deixar de propor caminhos possíveis para sua evolução. Desse modo, objetiva-se não apenas servir como referencial teórico ao posicionar o Brasil num horizonte global das Humanidades Digitais, mas também busca-se incentivar e fomentar um debate que impulsiona a inovação a partir do Sul Global.

2. Humanidades Digitais: um ponto de partida

O território das Humanidades Digitais começa a se formar inicialmente na Europa, mas se expande fortemente nos Estados Unidos. Um dos momentos mais importantes de sua consolidação é a fundação da *Alliance of Digital Humanities Organizations*¹, somada à realização de conferências anuais na área de Humanidades Digitais, a partir de 1986. Tais eventos têm ocorrido principalmente nos Estados Unidos, no Canadá ou nos países da Europa (em especial, na Alemanha). Rompendo com os países do eixo EUA-Europa, somente em 2018, a conferência ocorreu no México e em 2022 no Japão. No entanto, as conferências de 2025 e 2027 estão previstas para ocorrerem, respectivamente, em Portugal e na Irlanda, voltando a circular pela Europa, o que, em certo sentido, já anuncia os principais espaços de circulação internacional desses debates.

Ainda assim, importantes reflexões do campo bem como algumas de suas delimitações surgem a partir desses encontros. É o caso da publicação disponibilizada na *web*, de forma gratuita,

¹ Disponível em: <<https://adho.org/conference/>>. Acesso em: 29/10/2024.

em 2004, com a edição de Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, do *A companion to Digital Humanities*,² o qual começa a propor as Humanidades Digitais como um campo mais formal, isto é, não apenas um conjunto de metodologias e/ou ferramentas, o que fica evidente na introdução da edição ao afirmar que:

Essa coletânea destaca um ponto de virada no campo das Humanidades Digitais: pela primeira vez, uma ampla gama de teóricos e praticantes, desde aqueles ativos no campo há décadas até os mais recentemente envolvidos, especialistas disciplinares, cientistas da computação e especialistas em biblioteconomia e estudos de informação, foram reunidos para considerar as Humanidades Digitais como uma disciplina por si só, além de refletir sobre como ela se relaciona com áreas tradicionais de estudos humanistas (Schreibman, Siemens, Unsworth, 2004, p. s/p, tradução nossa).³

Essa formalização, ao mesmo tempo que apresenta um desenvolvimento teórico, também propõe uma ampliação de meios e canais de interlocução. Ela é um exercício de resgatar o passado a partir de práticas individuais, ao mesmo tempo que busca publicizá-las de modo a ampliar o escopo de pesquisas na área com a finalidade de consolidar as Humanidades Digitais enquanto disciplina própria. Por esse motivo, é importante compreender que esse novo campo está propondo “novas maneiras de fazer perguntas e fornecer respostas possibilitadas pela nossa interação com o computador” (Schreibman, Siemens; Unsworth, 2004, p. s/p, tradução nossa)⁴. Nesse sentido, é interessante ter em mente a historicização do campo por Anne Burdick, Johana Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner, Jeffrey Schnapp (2012) no livro *Digital_Humanities*:

As primeiras ondas do envolvimento das humanidades com redes e computação abraçaram trabalhos pioneiros desde o final da década de 1940 e os modelos que inspiraram projetos arquivísticos em Oxford no início da década de 1970. Ao longo das décadas seguintes, as humanidades continuaram a imaginar o digital como uma forma de expandir as ferramentas da pesquisa tradicional e abrir arquivos e bases de dados para audiências mais amplas de usuários (Burdick et al., 2012, p. 8, tradução nossa).⁵

Como se pode observar a partir das reflexões de Burdick et al. (2012), o desenvolvimento do campo foi bastante gradual, ao longo dos últimos oitenta anos, compreendendo os diferentes campos de pesquisa, como sociologia, história e os estudos literários, dentre outros. Essa breve historicização possibilita a inferência de que existem três momentos principais na consolidação

² Disponível em: <<https://companions.digitalhumanities.org/DH/>>. Acesso em: 29/10/2024.

³ No original: “*This collection marks a turning point in the field of digital humanities: for the first time, a wide range of theorists and practitioners, those who have been active in the field for decades, and those recently involved, disciplinary experts, computer scientists, and library and information studies specialists, have been brought together to consider digital humanities as a discipline in its own right, as well as to reflect on how it relates to areas of traditional humanities scholarship*” (Schreibman, Siemens, Unsworth, 2004, p. s/p).

⁴ No original: “*new ways of asking and answering that are enabled by our interaction with the computer*” (Schreibman, Siemens; Unsworth, 2004, p. s/p).

⁵ No original: “*The first waves of the humanities’ engagement with networks and computation embraced pioneering work from the late 1940s and the models that inspired archival project sat Oxford in the early 1970s. Over subsequent decades, the humanities continued to imagine the digital as a way of extending the toolkits of traditional scholarship and opening up archives and databases to wider audiences of users*” (Burdick et al., 2012, p. 8).



das Humanidades Digitais e que somente com determinados avanços tecnológicos é que a área se torna mais acessível do ponto de vista da circulação e da apresentação dessas informações.

Dessa forma, um projeto em Humanidades Digitais envolve principalmente a capacidade de diálogo de métodos e teorias mais tradicionais com ferramentas e perspectivas inovadoras. Esse movimento chama atenção ao romper com a disciplinarização dos conhecimentos, rumando a uma interdisciplinaridade. Nesse sentido,

As Humanidades Digitais são uma extensão das habilidades e métodos tradicionais de conhecimento, não uma substituição para eles. Suas contribuições distintas não apagam as percepções do passado, mas adicionam e complementam o compromisso de longa data das humanidades com a interpretação acadêmica, pesquisa informada, argumentação estruturada e diálogo dentro das comunidades de prática (Burdick et al., 2012, p. 16, tradução nossa).⁶

Portanto, é possível assumir que a potência das Humanidades Digitais está, sobretudo, em sua natureza interdisciplinar, visto que “o trabalho digital desafia muitas dessas separações, promovendo o diálogo não apenas através das linhas disciplinares estabelecidas, mas também através das divisões entre puro/aplicado, qualitativo/quantitativo e teórico/prático” (Burdick et al., 2012, p. 7, tradução nossa)⁷.

Apenas em 2016 *A New Companion to Digital Humanities* foi lançado. O novo livro apresentou importantes avanços nos estudos de Humanidades Digitais, tendo sido igualmente editado pelos três autores, já mencionados como editores de *A companion to Digital Humanities*, Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth. Desse modo, embora doze anos tenham se passado desde a publicação do primeiro livro, o debate segue aberto, como se nota na passagem: “Ainda é discutível se as humanidades digitais devem ser consideradas uma ‘disciplina por si só’, em vez de um conjunto de métodos relacionados, mas não se pode duvidar, em 2015, que é um campo de empreendimento vibrante e em rápido crescimento” (Schreibman, Siemens; Unsworth, 2016, p. xvii, tradução nossa)⁸. Os autores acrescentam ainda um importante aspecto que vem sendo fortuito terreno crítico dentro das Humanidades Digitais: “O campo agora é muito mais amplo do que era antes, incluindo não apenas a modelagem e análise computacional de informações humanísticas, mas também o estudo cultural das tecnologias digitais, suas possibilidades criativas e seu impacto social” (Schreibman, Siemens; Unsworth, 2016, p. xvii, tradução nossa).⁹

⁶ No original: “*Digital Humanities is an extension of traditional knowledge skills and methods, not a replacement for them. Its distinctive contributions do not obliterate the insights of the past, but add and supplement the humanities’ long-standing commitment to scholarly interpretation, informed research, structured argument, and dialogue within communities of practice*” (Burdick et al., 2012, p. 16).

⁷ No original: “*Digital work challenges many of these separations, promoting dialogue not only across established disciplinary lines but also across the pure/applied, qualitative/quantitative, and theoretical/practical divides*” (Burdick et al., 2012, p. 7).

⁸ No original: “*It remains debatable whether digital humanities should be regarded as a “discipline in its own right,” rather than a set of related methods, but it cannot be doubted, in 2015, that it is a vibrant and rapidly growing field of endeavor*” (Schreibman, Siemens; Unsworth, 2016, p. xvii).

⁹ No original: “*The field is now much broader than it once was, and includes not only the computational modeling and analysis of humanities information, but also the cultural study of digital technologies, their creative possibilities, and their social impact*” (Schreibman, Siemens; Unsworth, 2016, p. xvii).

Nesse sentido, Johanna Drucker (2021), em *The Digital Humanities Coursebook*, defende que “experiência técnica e consciência de questões críticas são inseparáveis” (Drucker, 2021, p. x, tradução nossa)¹⁰. Portanto, a teoria deve ser base para uma prática e a prática deve verificar (e repensar) a teoria, no que tange, especialmente, os temas envolvendo questões (de)coloniais. Esse princípio faz-se ainda mais importante ao considerar a relevância do pensar e do fazer pesquisa em Humanidades Digitais partindo do Sul Global, como será examinado na seção 3.

3. Humanidades Digitais em perspectiva decolonial

A partir do exposto, ficam evidentes os principais embates teóricos em torno dos limiares entre teoria e prática, interdisciplinaridade inata ao campo e novos modos de formular perguntas no campo das Humanidades Digitais. No entanto, nos últimos anos, o que fica também em grande evidência é uma tentativa de estabelecer um território para as Humanidades Digitais mais voltado ou, pelo menos, interseccionado, com as questões da decolonialidade, dos estudos críticos de raça e do feminismo, dentre outras questões envolvendo as minorias. Nesse sentido, o que será apresentado nesta seção são os debates sobre as Humanidades Digitais realizados nos Estados Unidos, mas a partir de uma perspectiva decolonial, reafirmando que as Humanidades, nesse caso digitais, não são conhecimentos, ferramentas e metodologias neutras.

Disrupting the Digital Humanities (2019), editado por Dorothy Kim e Jesse Stommel, é um livro, por exemplo, que se situa justamente nesse ponto da discussão, ao propor as Humanidades Digitais como uma prática coletiva em prol da construção de um mundo mais democrático. Por esse motivo, enfatiza-se que:

As humanidades digitais não são neutras, e esta não é uma declaração de reflexão passiva. As humanidades digitais não são neutras porque – em sua configuração atual, ampla e em expansão – ainda não (e às vezes se recusa a) trazem consistentemente, rigorosamente, metodologicamente, teoricamente as perspectivas das margens em relação à raça, ao gênero, à deficiência, sexualidade, etc., para o centro de seu discurso padrão. Nossos dados, nossos algoritmos, nossa base de dados, nossas ferramentas, nossas metodologias, nossos objetos, nossas redes, nossa escrita, nossas fontes de financiamento, nossas conferências nunca são neutros (Kim, Stommel, 2018, p. 30-31, tradução nossa).¹¹

Como um exemplo disso, é possível citar a contribuição de Roopika Risam em *The digital words: Postcolonial digital humanities in theory, praxis, and pedagogy* (2018), ao assumir que “as humanidades digitais pós-coloniais são uma abordagem para descobrir e intervir nas perturbações do registro cultural digital produzidas pelo colonialismo e pelo neocolonialismo” (Risam,

¹⁰ No original: “*technical expertise and awareness of critical issues are inseparable*” (Drucker, 2021, p.x).

¹¹ No original: “*The digital humanities is not neutral and this is not a statement of passive reflection. The digital humanities is not neutral because – in its current big – tentish, expanding – terrainish configuration – it still does not (and sometimes refuses to) consistently, rigorously, methodically, theoretically bring the perspectives of the margins in relation to race, gender, disability, sexuality, etc. into the center of its default discourse. Our data, our algorithms, our database, our tools, our methodologies, our objects, our networks, our writing, our funding streams, our conferences are never neutral*” (Kim, Stommel, 2018, p. 30-31).



2018. p. 3, tradução nossa)¹². Assim, assumir que um projeto em Humanidades Digitais é de/pós-colonial significa, em última instância, assumir que sua função é a de romper com o conhecimento hegemônico produzido pelo processo colonial.

Nesse sentido, “todos os praticantes das humanidades digitais devem assumir a tarefa de não recriar as dimensões coloniais do registro cultural em suas formas digitais” (Risam, 2018, p. 17, tradução nossa)¹³, sobretudo se compreendemos a problemática da digitalização dos arquivos do cânone como primeiros exercícios de Humanidades Digitais. Isso pode ser percebido, uma vez que “nos estudos literários digitais, por exemplo, projetos como o *William Blake Archive*, o *Walt Whitman Archive* e o *Dante Gabriel Rossetti Archive* dão a sensação de que as humanidades digitais podem, de fato, ser as humanidades canônicas digitais” (Risam, 2018, p. 16, tradução nossa)¹⁴.

Esse exercício pode ter variadas formas e ensaiar uma decolonização igualmente diversa. Por esse motivo, é importante estar atento ao modo como cada projeto se organiza dentro de uma geopolítica do conhecimento, ou seja, é necessário observar, sobretudo, quem segue produzindo conhecimento e tendo acesso às ferramentas, pois, como se sabe, muitos projetos de Humanidades Digitais nascem e desenvolvem-se em universidades norte-americanas.

Sobre isso, Titilola Babalola Aiyegbusi em *Decolonizing Digital Humanities: African Perspective* (2018) comenta que “Historicamente, as humanidades digitais prosperaram mais em países desenvolvidos” (Aiyegbusi, 2018, p. 434, tradução nossa)¹⁵, e alerta ainda que:

As discussões dentro do campo parecem desequilibradas porque os projetos de Humanidades Digitais, incluindo aqueles sobre a África, são em sua maioria iniciados e/ou executados na Europa e América do Norte. Alguns exemplos incluem *Africa Past & Present* (Universidade Estadual de Michigan), *Slave Biographies* (Universidade Estadual de Michigan), *AfricaBIB* de Davis Bullwinkle (Universidade de Arkansas), *The Yoruba Architectural Reconstruction* de Steven Nelson (UCLA), *Accra Mobile* de Jennifer Hart (Universidade Wayne State) e *Trans-Atlantic Slave Trade Database* (Universidade Emory). Embora muitos desses projetos estejam afiliados a universidades locais, por exemplo, *Accra Mobile* está vinculado à Universidade Ashesi, Gana, a ausência de centros de Humanidades Digitais com sede na África associados a eles tende a criar uma desconexão entre o projeto e o público e usuários-alvo, podendo reduzir a acessibilidade e a incorporação nos círculos de pesquisa acadêmica (Aiyegbusi, 2018, p. 435, tradução nossa).¹⁶

¹² No original: “*Postcolonial digital humanities is an approach to uncovering and intervening in the disruptions within the digital cultural record produced by colonialism and neocolonialism*” (Risam, 2018, p. 3).

¹³ No original: “[...] *all digital humanities practitioners must assume the task of not reinstantiating the colonial dimensions of the cultural record in its digital form*” (Risam, 2018, p. 17).

¹⁴ No original: “*In digital literary studies, for example, projects like the William Blake Archive, the Walt Whitman Archive, and the Dante Gabriel Rossetti Archive give the sense that digital humanities may, in fact, be the digital canonical humanities*” (Risam, 2018, p. 16).

¹⁵ No original: “*Historically, digital humanities has flourished more in developed countries*” (Aiyegbusi, 2018, p. 434).

¹⁶ No original: “*Discussions within the field appear lopsided because DH projects, including those about Africa, are mostly initiated and/or executed in Europe and North America. Some examples of these include Africa Past & Present (Michigan State University), Slave Biographies (Michigan State University), AfricaBib Davis Bullwinkle (University of Arkansas), The Yoruba Architectural Reconstruction by Steven Nelson (UCLA), Accra Mobile by Jennifer Hart (Wayne State University), and Trans-Atlantic Slave Trade Database (Emory University). Although many of these projects are affiliated with local universities — for instance, Accra Mobile is linked with Ashesi University Ghana — the absence of Africa-based DH centers affiliated with them tends to create a disconnect between the project and the targeted audience and users, and may reduce accessibility and incorporation into academic research circles*” (Aiyegbusi, 2018, p. 435).

Nesse sentido, a pesquisadora deixa claro que há um movimento de olhar para a África por meio de perspectivas mais inclusivas, mas que continuam em sua maioria deixando de fora pesquisadores e universidades da África. No entanto, observando diretamente o desenvolvimento do campo das Humanidades Digitais no continente, em especial na Nigéria, Titilola Babalola Aiyegbusi (2018) amplia o debate evidenciando o modo como o espaço acadêmico, principalmente nas universidades, se organiza. Diferentemente dos EUA, ainda como resultado da colonização, os cursos superiores na Nigéria são desenvolvidos em uma perspectiva bastante disciplinar, o que dificulta a assimilação desse novo campo de estudos, visto que sua natureza é interdisciplinar e colaborativa. Dito de outro modo, “no momento, a maneira como as humanidades digitais estão estruturadas torna menos inclusiva para os acadêmicos africanos, pois adota o modelo educacional americano que incentiva uma comunidade acadêmica muito mais interativa e integrativa, em que a colaboração é incentivada” (Aiyegbusi, 2018, p. 443, tradução nossa)¹⁷.

Essa questão mapeia um problema que ultrapassa as dificuldades financeiras dos países em desenvolvimento e destaca um contexto presente em que poucas e fracas são as vozes das referências em África sobre Humanidades Digitais, pois, de acordo com o relato:

A emoção de adicionar a voz africana aos debates, trazendo assim uma nova perspectiva para as discussões, rapidamente se dissipa assim que se tenta abordar as assombrosas questões: Quem é minha referência? Quem mais por aí está falando sobre humanidades digitais na África? Seria errado presumir que ninguém mais está, pois já li e ouvi várias peças interessantes e palestras sobre humanidades digitais de acadêmicos africanos, como Justus Roux (África do Sul), James Yeku (Nigéria), Babatunde Opeibi (Nigéria), Laila Shereen Sakr (Egito) e Omolara Owoeye (Nigéria). No entanto, os africanos que participam do discurso das HD são poucos em número, e nossas vozes estão esparsamente espalhadas pelo espaço das humanidades digitais (Aiyegbusi, 2018, p. 435, tradução nossa).¹⁸

O que se pode assumir a partir dessa citação é que a geopolítica do conhecimento segue invisibilizando os poucos Humanistas Digitais que pesquisam e trabalham em África, tanto pelas dificuldades de divulgação da área no próprio continente quanto pela dificuldade de levá-los além-mar para divulgar suas percepções.

Titilola Babalola Aiyegbusi, por fim, conclui sua reflexão apontando algumas formas de resolver essas problemáticas de forma bastante objetiva, alertando que os Humanistas Digitais dos grandes centros precisam olhar para o mundo por meio das lentes de outros mundos, o que significa dizer que não basta “exportar as Humanidades Digitais”, mas sim compreender diferentes

¹⁷ No original: “*At the moment, the way digital humanities is structured makes it less inclusive of African scholars because it adopts the American education model which encourages a much more interactive and integrative academic community where collaboration is encouraged*” (Aiyegbusi, 2018, p. 443).

¹⁸ No original: “*The thrill of adding the African voice to debates, there by bringing new perspective to discussions, quickly dissipates as soon as one tries to tackle the haunting questions: Who is my reference? Who else out there is talking about digital humanities in Africa? It will be wrong to assume no one else is, as I have read and listened to quite a number of interesting pieces and talk son digital humanities from African scholars like Justus Roux (South Africa), James Yeku (Nigeria), Babatunde Opeibi (Nigeria), Laila Shereen Sakr (Egypt), and Omolara Owoeye (Nigeria). However, Africans who participate in the DH discourse are few in number, and our voices are sparsely scattered across the digital humanities space*” (Aiyegbusi, 2018, p. 435).



contextos evitando que os membros dos países não-ocidentais se sintam alienados. Para isso, sugere que os pesquisadores dos grandes centros literalmente convidem acadêmicos africanos para projetos de investigação conjuntos, pois

Convidar acadêmicos africanos para colaborar em temas de interesse semelhante promoverá a aceitação, integração e popularidade necessárias para o aprimoramento global das Humanidades Digitais. Outras iniciativas colaborativas, como criar conscientização por meio da formação de grupos de foco, alinhar incentivos para estimular a colaboração entre acadêmicos e co-organizar conferências na África, também podem ajudar a construir um ambiente global de humanidades digitais inclusivo. Mas tudo deve começar desmistificando a ideia de que as humanidades digitais pertencem apenas ao Ocidente (Aiyegbusi, 2018, p. 435, tradução nossa).¹⁹

Em outras palavras, somente assim teremos a resposta para a pergunta “quando as Humanidades Digitais vão contar essas narrativas como o centro de sua prática metodológica?” (Kim, 2019, p. 493, tradução nossa)²⁰, uma vez que “um registro cultural digital que coloca a justiça social no centro – um registro que é pós-colonial, feminista, antirracista, interseccional – é uma questão de sobrevivência cultural” (Risam, 2018, p. 144, tradução nossa)²¹.

Nesse sentido, é possível citar alguns importantes projetos que têm colaboradores do Sul Global e estão preocupados com a perspectiva Decolonial, mesmo originados nos Estados Unidos. Entre estes, merecem ser mencionados os projetos *Slave Voyages*²², *Mukurtu Wumpurrarni-kari Archive*²³ e *Early Caribbean Archive*²⁴. *Slave Voyages* é um dos mais antigos projetos em Humanidades Digitais, tendo como objetivo a construção de uma base de dados capaz de mapear o tráfico negreiro. Para que isso fosse possível, foi necessário buscar dados em pesquisas anteriores individuais e coletivas, em um esforço internacional, para então padronizá-los. Tais registros são publicados inicialmente em 1999, em CD-ROM, e somente em 2006 é que esses dados foram publicados em um *website*, graças a um prêmio²⁵ recebido pelo grupo de pesquisa. Certamente, esse é um dos maiores empreendimentos colaborativos, que conta, além de contribuições eventuais, com uma gigantesca equipe de pesquisadores e desenvolvedores²⁶ em sua maioria dos Estados Unidos, mas também da África, do Caribe e até mesmo do Brasil, para que se chegue à consolidação de um banco de dados de 12 milhões de registros, atualmente disponíveis na plataforma, de africanos traficados.

¹⁹ No original: “Inviting African scholars to collaborate on similar topics of interest will promote the acceptance, integration, and popularity necessary for a DH global enhancement. Other collaborative moves such as creating awareness by forming focus groups, aligning incentives to encourage collaboration among scholars, and co-organizing conferences in African also help to build an inclusive global digital humanities. But it all must begin with debunking the notion that digital humanities belongs only to the West” (Aiyegbusi, 2018, p. 435).

²⁰ No original: “When is DH going to tell these narratives as the center of their methodological praxis?” (Kim, 2019, p. 493).

²¹ No original: “A digital cultural record that puts social justice at its center – a record that is postcolonial, feminist, antiracist, intersectional – is a matter of cultural survival” (Risam, 2018, p. 144).

²² Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/>>. Acesso em: 29/10/2024.

²³ Disponível em: <<https://mukurtu.org/project/mukurtu-wumpurrarni-kari-archive/>>. Acesso em: 29/10/2024.

²⁴ Disponível em <<https://ecda.northeastern.edu/>>. Acesso em 29/10/2024.

²⁵ Emory University concedeu ao grupo um financiamento suplementar da *W. E. B. Du Bois Institute for African and African-American Research de Harvard*.

²⁶ Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/about/about#project-team/2/pt/>>. Acesso em: 29/10/2024.

O projeto *Mukurtu*, por sua vez, propõe algo revolucionário tanto do ponto de vista técnico quanto do ponto de vista ético. A palavra que nomeia o projeto significa “bolsa de carregar coisas preciosas” e foi atribuído por Michael Jampin Jones, um ancião indígena *Warumungu*. O *Mukurtu* atualmente é um sistema de gerenciamento de conteúdo e ferramenta de acesso digital ao patrimônio cultural, construído para e em diálogo contínuo com as comunidades indígenas. O projeto, fundado, em 2007, em parceria entre a comunidade *Warumungu* e os pesquisadores Kim Christenand Craig Dietrich, é uma plataforma *open source* suficientemente flexível para satisfazer as necessidades de diversas comunidades que pretendem gerir e partilhar o seu patrimônio cultural digital à sua maneira e nos seus próprios termos. Dito de outro modo, o projeto é inicialmente um sistema que pode ser baixado porque é de acesso livre e usado em um servidor próprio. Isso permite que qualquer pessoa ou instituição possa utilizar o recurso em projetos próprios gratuitamente.

Por fim, o *Early Caribbean Archive* é um projeto realizado pela Northwestern University. O arquivo contém atualmente 57 documentos caribenhos antigos, incluindo romances, narrativas de viagens, histórias naturais, documentação colonial, narrativas *Obeah* e narrativas de escravos, os quais nunca antes foram reunidos. Além disso, trinta desses itens são prefaciados com introduções acadêmicas que fornecem uma visão geral das histórias de produção e recepção do texto, bem como a sua importância nos estudos atuais. Interessante mencionar que há um alerta no *website* informando que esses são textos coloniais (publicados originalmente por europeus, em sua maioria, e com uma visão eurocêntrica). No entanto, o empenho do projeto está justamente em propor um “*remix*” do arquivo por meio de ferramentas digitais, focalizando a narrativa sobre o Caribe na resistência e na criatividade dos povos escravizados, afro-crioulos e indígenas escravizados e livres no mundo caribenho. Atualmente, de acordo com o *site*, o projeto conta com 22 membros²⁷ oriundos de diversas partes do mundo.

Nesse sentido, embora sejam apresentados apenas três dos diversos projetos em Humanidades Digitais que partem de uma perspectiva de/pós-colonial produzidos nos Estados Unidos, é inegável que a realidade das Humanidades Digitais nesse contexto conta com grandes incentivos. Isso inclui a formação dos núcleos de pesquisa em Humanidades Digitais nas universidades, financiamentos e premiações, que permitem a contratação de equipes de especialistas de diversas áreas para criação e manutenção de tais projetos. Menciona-se ainda que esses projetos têm sede em universidades norte-americanas, mas que há uma preocupação com a perspectiva decolonial na construção de seus bancos de dados e arquivos, tanto pela apresentação dos projetos em seus *websites* quanto pela participação de pesquisadores de diversas partes do mundo, inclusive de ex-colônias, como o Brasil.

Além disso, vale mencionar que os esforços na consolidação da área podem ser percebidos desde os anos 1980, com o lançamento de grandes projetos ao público, enquanto que no Brasil, além da falta de recursos e disciplinarização dos conhecimentos, a área começa a formar-se apenas nos últimos dez anos. Assim, a seção 4 irá se ocupar de analisar a realidade brasileira e o modo como as Humanidades Digitais tem se articulado aqui nos últimos anos.

²⁷ Disponível em: <<https://ecda.northeastern.edu/home/about/credit/>>. Acesso em: 29/10/2024.



4. Humanidades Digitais à brasileira

A partir do exposto anteriormente, quase todos os projetos mencionados, mesmo os com propostas decoloniais, estão sendo construídos no Norte Global, com apoio de generosos financiamentos, poderosas instituições, grupos interdisciplinares de pesquisa e desenvolvimento e anos de trabalho.

Partindo disso, caberia questionar o modo como as Humanidades Digitais, mesmo sem toda essa estrutura, vêm se desenvolvendo no Brasil, uma vez que até mesmo estabelecer diálogos internacionais, de modo a apropriar-se de ferramentas, configura um desafio. Por exemplo, uma importante proposição de pesquisadores latino-americanos envolve a necessidade de produzir pesquisa em línguas do Sul Global, em especial em espanhol, em vez de publicar exclusivamente em língua inglesa, pois “o multilinguismo é a nova fronteira nas Humanidades Digitais” (Allés-Torrent; Del Río Riande, 2020, p. 12, tradução nossa)²⁸. Sobre isso, vale ainda a reflexão de María Gimena del Río Riande e Domenico Fiormonte (2022) em *Una vez más sobre lossures de las digital humanities*:

O certo é que, neste cenário complexo e desigual, as Humanidades Digitais do Sul não podem se eximir da responsabilidade de enfrentar as implicações geopolíticas do conhecimento digital e devem se perguntar: quais são os custos sociais, políticos, culturais etc. dos instrumentos que utilizamos em nossa pesquisa? É possível criar modelos independentes e socioeconomicamente sustentáveis ou estamos condenados a incorporar paradigmas, ferramentas e padrões do Norte Global sem, pelo menos, um olhar crítico? E se isso for possível, como fazemos? (Del Río Riande; Fiormonte, 2022, p. 13).²⁹

Tais questionamentos reverberam na realidade brasileira, visto que, mesmo linguisticamente, nos diferenciamos do restante da América Latina. Embora boa parte dos brasileiros já tenham acesso à internet, a barreira da língua ainda afeta negativamente a troca com o público estrangeiro, uma vez que boa parte do mundo ligado às tecnologias se desenvolve em língua inglesa.

No entanto, antes de tratarmos das carências quanto ao fomento e desenvolvimento de pesquisas em Humanidades Digitais no Brasil, é preciso reconhecer projetos pioneiros. Nesse sentido, tendo em mente que as Humanidades Digitais ainda são uma “nova” área de estudos que ganha força sobretudo depois dos anos 2010, vale a pena buscar compreender como a área se articula no Brasil.

Um ponto de referência para o desenvolvimento do campo é que, em 2013, é fundada a Associação de Humanidades Digitais (AHDig), que teve como objetivo ser uma rede de pesquisadores unidos pela língua portuguesa e pela tentativa de conectar a pesquisa em Humanidades Digitais no Brasil com a de pesquisadores portugueses. De acordo com a última

²⁸ No original: “*Multilingual is the new frontier in DH.*” (Allés-Torrent; Del Río Riande, 2020, p. 12).

²⁹ No original: “*Lo cierto es que, en este escenario complejo y desigual, las DH de sur no pueden eximirse de la responsabilidad de afrontar las implicaciones geopolíticas del conocimiento digital y deben preguntarse: ¿qué costes sociales, políticos, culturales etc. tienen los instrumentos que utilizamos en nuestra investigación? ¿es posible crear modelos independientes y socioeconómicamente sostenibles o estamos condenados a incorporar paradigmas, herramientas y estándares del Norte Global sin, al menos, una mirada crítica? Y si esto es posible, ¿cómo lo hacemos?*” (Del Río Riande, Fiormonte, 2022, p. 13).

informação disponível no *site* oficial da associação, o qual não parece atualizado nos últimos anos, ela conta/contou com 136 associados³⁰.

Há ainda, no *site*, a aba “Projetos”³¹, que apresenta os principais projetos em Humanidades Digitais ocorrendo à época de sua fundação. Dentre os doze projetos apresentados, seis são desenvolvidos em São Paulo (quatro na UNICAMP). São eles: *Brasiliiana USP*³², da Universidade de São Paulo; *Caminhos do Romance*³³, *Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX*³⁴, *Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe*³⁵, os três da Universidade Estadual de Campinas; *eDictor*: ferramenta para edição filológica eletrônica³⁶, fruto de uma parceria entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas; *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CEDOHS), Universidade Estadual de Feira de Santana; e *Edição dos Panfletos de Eulálio Motta*, Universidade Federal da Bahia, sendo que os dois últimos projetos, ou seja, os de fora de São Paulo, atualmente encontram-se fora do ar.

No entanto, no dia 16 de abril de 2021, durante a II edição do Congresso Internacional em Humanidades Digitais (HDRio 20/21), ocorre o lançamento da Associação Brasileira de Humanidades Digitais³⁷, transmitida em seu canal do Youtube. A transmissão contou com a presença de pesquisadores de várias áreas, incluindo um pesquisador de Cabo Verde. Além disso, estabelece-se em seu lançamento a necessidade de pensar Humanidades Digitais de forma contra-hegemônica e própria do Sul Global, focada em questões de diversidade.

Essa associação nasce com três objetivos centrais: 1) pensar um programa de pós-graduação internacional e interinstitucional a partir do olhar do Sul; 2) pensar um programa/plataforma educacional para a formação dos jovens (além do espaço acadêmico); e 3) criar a revista de Humanidades Digitais. Há, ainda, o reconhecimento da Associação de Humanidades Digitais de 2013 e, em especial, ao trabalho da professora Maria Clara Paixão de Sousa, uma das principais responsáveis pela articulação da Associação de Humanidades Digitais (AHDig).

A *Revista Brasileira de Humanidades Digitais*³⁸, até o momento, publicou quatro números e mais um caderno de resumos do II Congresso. Outra revista que merece atenção é a recém lançada *Convergências: Estudos em Humanidades Digitais*³⁹, abrigada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Com três publicações em 2023 e com chamada aberta para 2024, a revista tem apresentado textos que versam sobre o uso de variadas mídias digitais. De modo geral, é possível afirmar que, em ambos os casos, as reflexões visam mais diretamente refletir sobre o uso da tecnologia e até mesmo explorar alguma metodologia, mas em última instância não estão promovendo projetos de Humanidades Digitais. Isso exemplifica

³⁰ Disponível em: <<https://ahdig.hypotheses.org/participantes>>. Acesso em: 29/10/2024.

³¹ Disponível em: <<https://ahdig.hypotheses.org/projetos-na-rede-ahdig>>. Acesso em: 29/10/2024.

³² Disponível em: <www.brasiliana.usp.br>. Acesso em: 29/10/2024.

³³ Disponível em: <www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>. Acesso em: 29/10/2024.

³⁴ Disponível em: <www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br>. Acesso em: 29/10/2024.

³⁵ Disponível em: <www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>. Acesso em: 29/10/2024.

³⁶ Disponível em: <edictor.net>. Acesso em: 29/10/2024.

³⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oFvIN0BQIQo>>. Acesso em: 29/10/2024.

³⁸ Disponível em: <<http://abhd.org.br/ojs2/ojs-3.3.0-9/index.php/rbhd/issue/archive>>. Acesso em: 29/10/2024.

³⁹ Disponível em: <<https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/issue/view/52>>. Acesso em: 29/10/2024.



como, pelo menos até o momento, as Humanidades Digitais no Brasil tendem a se manifestar predominantemente de forma mais teórica e individual do que nos Estados Unidos.

Cenário mais ou menos similar pode ser encontrado no Diretório de grupos do CNPQ⁴⁰. Em primeiro lugar, por exemplo, pode-se afirmar que os grupos começam a se articular pelo menos desde 2014⁴¹, mas não parecem seguir uma tendência clara de pesquisa. Dito de outro modo, é como se não houvesse de fato um interesse em comum ou um grande projeto que aglomere pesquisadores. Isso é o que se pode identificar na tabela 1:

TABELA 1. Grupos de pesquisa cadastrados no diretório de grupos do CNPQ

	Nome do grupo	Ano de fundação	Uni.	Estado	Área	Linhas de pesquisa
1	Grupo de Pesquisa em Linguagens, História e Humanidades Digitais (LiHHDi) ⁴²	2014	UFS	SE	Letras	Linguagens, História e Tecnologias
2	GREAL – Gênero, Raça, Estudos Amazônicos, Novas Linguagens e Humanidades Digitais ⁴³	2016	UNIFESSPA	PA	História	Relações de poder, Conflitos e Movimentos Sociais
3	Laboratório de Humanidades Digitais da UFBA ⁴⁴	2018	UFBA	BA	Sociologia	Antropologia Digital História Digital Humanidade e subjetividade na era digital Imaginários de vigilância Sociologia Digital Webscraping e Mineração de dados para as Ciências Sociais
4	Idade Média e Humanidades Digitais ⁴⁵	2019	USP	SP	História	Projeto Temático FAPESP (2021/02912-3) Uma História Conectada Da Idade Média. Comunicação e Circulação a partir do Mediterrâneo
5	Laboratório de Humanidades Digitais / PUC-Rio ⁴⁶	2019	PUC-Rio	RJ	Educação	Laboratório de Humanidades Digitais, Metodologias Informacionais e Multiletramentos

(continua)

⁴⁰ Esse levantamento foi realizado até o ano de 2022 não incluindo, portanto, grupos cadastrados depois desse ano.

⁴¹ Havia outros dois grupos cadastrados anteriormente, porém, como estavam desatualizados, optei por não adicioná-los na tabela.

⁴² Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/85856>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁴³ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/219080>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁴⁴ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/352150>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁴⁵ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/513498>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁴⁶ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0909938995103333>>. Acesso em: 29/10/2024.

(continuação)

	Nome do grupo	Ano de fundação	Uni.	Estado	Área	Linhas de pesquisa
6	Laboratório de Humanidades Digitais ⁴⁷	2020	FGV	RJ	História	Acervos Digitais Literacia Digital Tecnologias de análise de som, imagem e vídeo Tecnologias textuais
7	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Humanidades Digitais (NEPEHD) ⁴⁸	2020	UFU	MG	Sociologia	História Pública Digital Tecnologias Digitais, Linguagens e Educação Territorialidades, Identidades e Representações no Mundo Digital
8	Humanidades Digitais ⁴⁹	2011	USP	SP	Letras	Filologia Digital Representação do conhecimento
9	Grupo de Pesquisa em Humanidades Digitais E Inovação Tecnológica ⁵⁰	2021	UPF	RS	História	Economia, Espaço e Sociedade Política e Relações de Poder
10	LISCOD – Grupo de Pesquisa Línguas, Sistemas de Escrita, Computação, Jogos e Humanidades Digitais ⁵¹	2022	UFPB	PB	Letras	Computação Humanidades Digitais Línguas Sistemas de Escrita

Fonte: Elaborada pelas autoras

A tabela evidencia, em primeiro lugar, que embora Rio de Janeiro e São Paulo sejam os estados que mais apresentam grupos de pesquisa em Humanidades Digitais, reproduzindo lógicas centro-periferia, já é possível ver um crescimento em outras regiões do Brasil, sobretudo no Nordeste (Paraíba, Sergipe e Bahia), Norte (Pará) e Sul (Rio Grande do Sul). Além disso, vale comentar que a tabela 1 é apenas um recorte que busca identificar os grupos de pesquisa ativos no Brasil, mas que certamente deixa diversas iniciativas de pesquisadores individuais/autônomos de fora, ou mesmo grupos de pesquisa que não tenham a expressão “Humanidades Digitais” no título, critério de pesquisa utilizado ao realizar tal levantamento. Em síntese, o que se pode assumir é que a área de Humanidades Digitais está em grande expansão no país, mas a maior parte de suas contribuições está voltada a projetos de mineração e análise de dados e/ou reflexões teóricas, como o mapeamento que se propõe neste artigo. Não é possível ainda encontrar em quantidade expressiva projetos que objetivem construir um arquivo digital decolonial, para voltar aos termos de Roopika Risam (2019). Por esse motivo, é importante mencionar, por fim, aproximando o debate de uma faceta mais prática no contexto brasileiro das pesquisas em

⁴⁷ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/668250>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁴⁸ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/637466>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁴⁹ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/766441>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁵⁰ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/765682>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁵¹ Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7782722829380359>>. Acesso em: 29/10/2024.



Humanidades Digitais, o MAP – Mulheres na América Portuguesa⁵², projeto desenvolvido desde 2007 sob a coordenação das professoras Maria Paixão de Souza e Vanessa Martins do Monte, somadas a uma equipe de 33 pesquisadores⁵³, na Universidade de São Paulo. Seu objetivo é oferecer um modo de visualização enquanto catálogo georreferenciado da vida e produção de mulheres no período colonial, ou seja, um modo de visualização de territorialidades, bem como circulação da produção escrita (não apenas literária) de mulheres que estiveram em trânsito pelo Brasil. Esse projeto, concebido e desenvolvido por pesquisadoras brasileiras, não deixa nada a dever quando comparado a projetos estrangeiros, tanto do ponto de vista da complexidade técnica quanto da profundidade teórica. Isso porque sua plataforma organiza e apresenta os textos não apenas em formato de lista simples (118 linhas), mas também através de um catálogo georreferenciado, além da disponibilização de uma tabela de dados catalogada por autoras. Esse projeto dá um tom otimista à pesquisa em Humanidades Digitais pela maturidade e pelo potencial de divulgação e circulação de autoras e autores e textos referentes a períodos cruciais da formação do Brasil. Esse, porém, juntamente com alguns outros projetos mencionados, é um dos poucos projetos que se constituiu de forma colaborativa e que realmente se manteve disponível ao longo dos anos.

5. Considerações finais

Tendo em vista as características do campo das Humanidades Digitais nos Estados Unidos e no Brasil, é possível assumir pelo menos três instâncias para aprimoramento no contexto brasileiro. O primeiro aspecto que se destaca é a necessidade de desenvolver abordagens mais práticas, que se traduzam em projetos e em publicações não apenas teóricas, mas sobretudo metodológicas. Isso significa conferir maior enfoque ao processo de desenvolvimento dos projetos, os desafios enfrentados, as ferramentas digitais empregadas, os custos, benefícios, aplicabilidade, reprodutibilidade, entre outros aspectos que serão de interesse para estimular novos projetos. Embora ainda haja amplo espaço para futuros estudos sobre o campo teórico das Humanidades Digitais – especialmente a partir de uma perspectiva de formação a partir do Sul Global em língua portuguesa –, há ainda maior carência de materiais que abordem o *como* fazer.

Entretanto, também é possível destacar a necessidade de combater a tendência à departamentalização do conhecimento, que, por vezes, dificulta a interdisciplinaridade tão necessária nas humanidades, com intuito de vislumbrar um futuro das Humanidades Digitais em que se conectem áreas diversas e que, por exemplo, a história se beneficie dos conhecimentos tecnológicos da ciência da computação e os cientistas da computação aprofundem sua compreensão da realidade através do conhecimento histórico. Além disso, a interdisciplinaridade pode abrir novas possibilidades de financiamento para pesquisas, já que essas pesquisas abrangem diversos campos do conhecimento. Isso inclui, e deve incluir, as áreas STEM, que frequentemente enfren-

⁵² Disponível em: <<http://map.prp.usp.br/>>. Acesso em: 29/10/2024.

⁵³ Disponível em: <http://map.prp.usp.br/MAP_Equipe.html>. Acesso em: 29/10/2024.

tam menos resistência na obtenção de recursos de instituições de fomento. Tal interdisciplinaridade é fundamental para que possamos iniciar, desenvolver e manter projetos de maior prazo e com maiores equipes.

É certo que tais iniciativas demandam um maior número de pesquisadores, bem como maior disponibilidade de fundos para pesquisa, sendo este último, um desafio em particular para a produção acadêmica em contexto brasileiro. Nesse sentido, faz-se necessário desenvolver estratégias mais eficazes para a manutenção de projetos em Humanidades Digitais, de modo que os mesmos permaneçam disponíveis *online*, caso parem de ser atualizados. De fato, manter páginas e gráficos vivos ao longo das décadas pode ser particularmente desafiador, devido ao custo de pesquisadores/desenvolvedores ou mesmo com a hospedagem e manutenção de *sites*.

Por fim, evidencia-se ainda a necessidade de mais profunda compreensão do campo, o que inclui, por exemplo, resgatar projetos e os (meta)dados gerados por eles. Além disso, ter um local que centralize tais informações e/ou novos projetos, onde não apenas os *sites* fiquem disponíveis para o público, mas também as reflexões e métodos que levaram a sua consolidação; isso poderia facilitar o acesso de outros pesquisadores, bem como servir de referência para futuros projetos, estimulando assim uma espécie de *network* entre pesquisadores e desenvolvedores de variadas universidades. Ter uma central poderia também servir como plataforma para conferir visibilidade a novos projetos, ou seja, algo similar ao *DH Awards*⁵⁴.

No entanto, a questão que deve se manter sempre atualizada no campo das Humanidades Digitais no Brasil, mesmo que em diálogo com a produção a partir do Norte Global e por vezes a partir de ferramentas desenvolvidas pelo Norte, é que essas reflexões e ferramentas não podem ser utilizadas sem uma perspectiva crítica e um olhar próprio do Sul, como bem pontuaram María Gimena del Río Riande e Domenico Fiormonte (2022).

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Ambas as autoras realizaram pesquisa bibliográfica e escrita do texto colaborativamente.

CONFLITO DE INTERESSES

As autoras não têm conflito de interesses a declarar.

FINANCIAMENTO

Programa Capes PrInt.

⁵⁴ Disponível em: <<http://dhawards.org/>>. Acesso em: 29/10/2024.

REFERÊNCIAS

- AIYEGBUSI, Babalola Titilola. Decolonizing Digital Humanities: African perspective. *In*: LOSH, Elizabeth; WERNIMONT, Jacqueline (Orgs.). **Bodies of information: Intersectional feminism and Digital Humanities**. University of Minnesota Press: London, 2018.
- ALLÉS-TORRENT, Susanna; DEL RÍO RIANDE, María Gimena. The Switchover: Teaching and Learning the Text Encoding Initiative in Spanish. **Journal of the Text Encoding Initiative**, 2020.
- BURDICK, Anne; DRUCKER, Johanna, LUNENFELD, Peter; PRESNER, Todd; SCHNAPP, Jeffrey. **Digital Humanities**. MIT Press: Cambridge, Massachusetts, 2012.
- DEL RÍO RIANDE, María Gimena; FIORMONTE, Domenico. **Una vez más sobre lossures de las “digital humanities”**. *Acervo*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 1-15, 2022.
- DRUCKER, Johana. **The Digital Humanities Coursebook**. Routledge: London and New York, 2021.
- KIM, Doroty; STOMMEL, Jesse. **Disrupting the Digital Humanities**. Punctim books, 2019.
- RISAM, Roopika. **The digital words: Postcolonial digital humanities in theory, praxis, and pedagogy**. Northwestern University Press: Chicago, 2018.
- SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. **A companion to Digital Humanities**. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <<https://companions.digitalhumanities.org/DH/>>. Acesso em: 29/10/2024.
- SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. **A new companion to Digital Humanities**. Wiley: Blackwell, 2016.
- WARWICK, Claire. Building theories or theories of building? A tension at the heart of Digital Humanities. *In*: SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John. **A new companion to Digital Humanities**. Wiley: Blackwell, 2016.